



Revista Digital do LAV

E-ISSN: 1983-7348

revistadigitaldolav@ufsm.br

Universidade Federal de Santa Maria
Brasil

Regina Garlet, Francieli; Kelling Cardonetti, Vivien
Degustar conceitos e ações para produzir fendas e pensar a educação
Revista Digital do LAV, vol. 7, núm. 1, abril-, 2014, pp. 76-91
Universidade Federal de Santa Maria
Santa Maria, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=337030167006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Degustar conceitos e ações para produzir fendas e pensar a educação

Tasting concepts and actions to produce breeches and to think about education

Francieli Regina Garlet¹
Vivien Kelling Cardonetti²

Resumo

A partir de aproximações aos conceitos foucaultianos de enunciado, arquivo e discurso, buscamos, através deste artigo, dar visibilidade à experiência vivenciada na disciplina de Prática de Pesquisa A do Curso de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Federal de Santa Maria, ocorrida no primeiro semestre de 2011. Entre encontros, desconfortos, escolhas, desvios e afetos experimentados pelo grupo naquele semestre, optamos por um demoramento maior nos conceitos que perpassavam nossas leituras, para que a partir deles pudéssemos produzir outras coisas. A intervenção artística degust[ação] fez parte deste processo, e é a partir dela, e das possibilidades que ela deixou entreabertas, que esta escrita é inventada.

Palavras-chave: Intervenção artística degust[ação]; arquivo; enunciado; discurso.

Abstract

Approaching Foucault's concepts of statement, archive and discourse, this article seeks to give visibility to an experience which was lived at Research Practice A discipline at Education Master's Degree on Federal University of Santa Maria (UFSM), at 2011's first semester. Between encounters, discomforts, choices, deviations and affects which were experimented by the group at that semester, we opted to linger on the concepts which passed by our readings, so that through them we could produce other things. Artistic intervention degust[ação] was part of this process, this writing is invented and from it and from the possibilities it left half open.

Key- Words: Artistic intervention degust[ação]; archive; statement; discourse.

Apresentamos neste artigo uma experiência vivenciada em uma disciplina do Mestrado e do Doutorado em Educação da UFSM no primeiro semestre de 2011³. Entre diversas experimentações então realizadas, escolhemos nos debruçar sobre aquelas que cresceram no meio deste processo, e que permanecem no meio, ou seja, que continuam a inquietar e a tomar velocidade através de outros agenciamentos que estão sendo produzidos em nossas atuais pesquisas. A intervenção artística degust[ação] fez parte

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria - RS, Bolsista CAPES. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura (GEPAEC - diretório CNPq) e do Grupo de Pesquisa em Arte - Momentos Específicos (diretório CNPq). E-mail: francieligarlet@yahoo.com

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria - RS. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura (GEPAEC). Email: vicardonetti@gmail.com

³ Na disciplina de Prática de Pesquisa A, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – Linha de Pesquisa LP4: Educação e Arte – da UFSM, no primeiro semestre de 2011.

deste “meio” do processo, e os conceitos que escolhemos degustar naquele semestre continuam a agenciar e a produzir outras possibilidades para as pesquisas de mestrado e doutorado que desenvolvemos no momento.

O nome dado à intervenção, degust[ação], foi escolhido a partir da ideia de degustar conceitos, como nas palavras de uma colega da disciplina, “como quem experimenta o mesmo doce favorito, mas que a cada mordida se vê envolvido por uma insaciedade que só aumenta.”

A intervenção surgiu de um desconforto que nos interpelou no decorrer da disciplina, ocasionado pela maneira como vínhamos trabalhando os textos que cada participante havia se proposto a apresentar em forma de seminário. Este desconforto foi nos movendo, e a partir dele sentimos a necessidade de nos demorarmos um pouco mais em alguns conceitos, degustá-los calmamente para que assim pudéssemos nos apropriar deles para colocá-los em diálogo com nossas pesquisas.

Dentre os conceitos escolhidos por cada participante do grupo estavam: modo de endereçamento, diferença, dado, hábito, subjetividade, experiência, a/r/tografia, autoetnografia, autobiografia, tempo, espaço, rizoma, corpo, arquivo, discurso e enunciado. É a partir desses três últimos que experimentamos as vivências naquele semestre e compomos este artigo.

As leituras que experimentamos para nos aproximar dos conceitos de arquivo, discurso e enunciado

Nosso primeiro contato com alguns destes conceitos se deu através da leitura de um texto de Rosa Maria Bueno Fischer, intitulado *El ejercicio de ver: medios y educación* (2006). Neste texto a autora discorre sobre a mídia e a educação e sobre os enunciados e visibilidades que permeiam estes campos produzindo modos de existência. A inquietação em entender os conceitos de discurso e enunciado nos movimentou a buscar outros escritos da mesma autora, Fischer (2001), onde nos interessamos também pelo conceito de arquivo, e nos aproximamos de outros referenciais como Deleuze (1992), Fernandez e Santos (2008), Foucault (1994 e 1997), Silva (2000) e Nascimento (2011).

Nosso entendimento inicial de discurso, com base nestes autores, que se posicionam a partir de Foucault, é de que ao falar dos objetos o discurso os fabrica. Neste sentido a palavra é entendida não mais como uma representação das coisas, mas sim como uma produtora de coisas. A linguagem é considerada, então, como inventora de mundos e realidades.

Assim, a suposição de que há uma verdade escondida por trás do discurso perde a sua força, já que este é entendido como um conjunto de enunciados tramados de determinada maneira por uma formação discursiva em um tempo e espaço específicos. Entender os discursos como constituintes de verdades provisórias nos dá a possibilidade de desconstruí-los. Já sinalizava Foucault

Meu papel – e este é um termo por demais pomposo – consiste em mostrar às pessoas que elas são muito mais livres do que pensam; que elas tomam por verdade, por evidência alguns temas que foram fabricados em um momento particular da história; e que essa pretensa evidência pode ser criticada e destruída (FOUCAULT, 1994, p. 2).

Somos constituídos por discursos de diversas ordens, os quais muitas vezes consideramos verdades absolutas. Construímos nossas próprias verdades e costumamos nos esquecer de revisá-las, de questioná-las e de desconstruí-las para pensar em outras possibilidades. O discurso, ao ser repetido e repetido infinitas vezes sem ser questionado, ganha força e status de verdade absoluta. Mas, sendo a trama do discurso constituída por um conjunto de enunciados, nos parece pertinente desfazer as tramas para que possamos singularizá-los. Desnaturalizar o que nos é dado como familiar, interrogar o discurso, mapear os ditos, questionar o porquê de algo ser dito aqui de determinada maneira e não de outra, são formas de desenredar a trama de enunciados que compõem o discurso e tramá-los de outra maneira, com outros enunciados.

O enunciado para Foucault aparece como

um elemento último, indecomponível, suscetível de ser isolado em si mesmo e capaz de entrar em um jogo de relações com outros elementos semelhantes a ele; como um ponto sem superfície mas que pode ser demarcado em planos de repartição e em formas específicas de agrupamentos; como um grão que aparece na superfície de um tecido de que é o elemento constituinte; como um átomo do discurso (FOUCAULT, 1997, p. 90).

Um átomo que coexiste com outros átomos (enunciados) em um mesmo discurso. Um já dito que coexiste e se relaciona com outros já ditos dentro de uma formação discursiva. Sendo assim, cada fio que compõe a trama discursiva é um enunciado diferente, mas que pertence ao mesmo sistema de regras e leis de formação.

Segundo Fischer, com base em Foucault, há quatro elementos que podemos identificar em um enunciado: um referente, “princípio de diferenciação, que faz referência a algo que identificamos”; um sujeito, “no sentido de existir alguém que pode efetivamente afirmar aquilo”; um campo associado, “coexistir com outros enunciados no mesmo discurso”; e uma materialidade específica, ou seja, tratar-se de “coisas efetivamente ditas, escritas, gravadas em algum tipo de material, passíveis de repetição ou

reprodução, ativadas através de técnicas, práticas e relações sociais” (FISCHER, 2001, p. 202).

Estando ligado a uma “função epistemológica (‘o que pode ser dito?’) e política (‘quem está autorizado a dizer?’)” (SILVA, 2000, p. 50), o enunciado permeia as práticas sociais, e ao passo que fabrica o sujeito que vê, também fabrica o objeto que ele vê, as coisas visíveis. Ao familiarizarmos um discurso tornando-o legítimo, nos vemos, nos construímos e nos relacionamos com o mundo a partir dele.

Sendo a variável do enunciado, o sujeito se constrói a partir dessas posições discursivas, na mesma operação em que ocupa um lugar discursivo (LARROSA, 1994). Desta forma, a subjetividade se manifesta através da enunciação, o ato que dá vazão ao enunciado. Segundo Deleuze e Guattari (1995), a subjetivação da enunciação ou a individuação do enunciado se dá quando o agenciamento coletivo impessoal assim determina. Desta maneira, não é o indivíduo sozinho que o individualiza, mas sim, o jogo de relações do qual faz parte.

Há um conjunto de regras e leis, que além de definir o formato do que pode ser dito em determinada época, também decide quais enunciados e discursos permanecerão em cena e quais serão abandonados ou esquecidos por um determinado tempo, quais serão reutilizados e quais serão decisivamente repudiados (SILVA, 2000). O arquivo, enquanto este conjunto de regras pode ser pensado como “quem” produz a trama do discurso. Um “quem” que é coletivo e anônimo, um “quem” que é permeado pelas lutas de imposição de significados.

Se falamos em lembrar ou esquecer, reutilizar ou abandonar, falamos em algo que já existe, num “já dito”. Pensando assim, podemos reutilizar os fios que compuseram a trama de um discurso num outro tempo e espaço para compor uma outra trama discursiva, singular. Como proferiu Foucault “todo discurso resulta de um *já-dito* e esse já dito é um *já-mais dito*” (FERNANDES e SANTOS, 2008, p. 285, grifos dos autores). Ou seja, o já dito pode ser reconfigurado, retramado, atualizado, singularizado.

Para aprofundar o pensamento sobre a noção de arquivo, dispomos um fragmento escrito por Foucault:

temos na densidade das práticas discursivas sistemas que instauram os enunciados como acontecimentos (tendo suas condições e seu domínio de aparecimento) e coisas (compreendendo sua possibilidade e seu campo de utilização). São todos esses sistemas de enunciados (acontecimentos de um lado, coisas de outro) que proponho chamar arquivo (FOUCAULT, 1997, p. 148).

Assim pensado, o arquivo tem a ver com o sistema que rege o aparecimento de determinado enunciado (acontecimento, coisa) de maneira singular. Tem a ver com as possibilidades e impossibilidades enunciativas que o discurso conduz, com a maneira pela qual determinado enunciado reaparece, ou é apagado. Como profere Foucault:

O arquivo não é o que protege, apesar de sua fuga imediata, o acontecimento do enunciado e conserva, para as memórias futuras, seu estado civil de foragido, é o que na própria raiz do enunciado-acontecimento e no corpo em que se dá, define, desde o início, o *sistema de sua enunciabilidade*. [...] é o que define o modo de atualidade do enunciado-coisa; é o *sistema de seu funcionamento* (FOUCAULT, 1997, p. 149, grifos do autor).

O arquivo faz brilhar alguns enunciados enquanto torna outros invisíveis. Graças a ele o enunciado não fica preso a um significado único. Ele pode desaparecer, mas se o arquivo determinar que ele reapareça, ele se tornará outro, pois irá funcionar na relação com outros enunciados emergentes naquele momento, irá funcionar a partir do conjunto do qual faz parte naquele instante, a partir do seu agenciamento com o presente.

Os confeitos produzidos a partir dos conceitos



Figura. 01 Fotografia do processo de customização das “bolachinhas”.

Ao passo que íamos degustando os conceitos escolhidos por cada um de nós, e compartilhando com o grupo, fomos pensando também em como iríamos socializá-los com um público mais amplo. Decidimos então fazer uma intervenção artística em um dos shoppings da cidade de Santa Maria. Assim, fomos pensando em questionamentos, em imagens e maneiras de dar visibilidade a estes conceitos. Optamos por confeccionar “bolachinhas de madeira” (figura 01) e confeitá-las com imagens e questionamentos

produzidos a partir dos conceitos estudados por cada um de nós. Cada integrante da disciplina confeitou aproximadamente 50 bolachinhas.

A intervenção degust[ação], desenvolvida no Royal Plaza Shopping de Santa Maria – RS, consistiu então na troca de questionamentos entre nós, integrantes da disciplina de Prática de Pesquisa A, e as pessoas que circulavam no Shopping. A cada bolachinha de madeira levada pelo público, um questionamento em uma bolachinha de E.V.A. era deixado para nós. No intervalo de tempo em que aconteceu a ação, aproximadamente três horas, 208 questionamentos foram deixados para nós e o respectivo número de bolachinhas foi levado pelo público para suas casas.



Figura. 02 Bolachinhas de madeira confeitadas por nós e questionamentos deixados pelo público nas bolachinhas de E.V.A.

Os confeitos produzidos a partir dos conceitos de discurso, enunciado e arquivo abarcavam sete questionamentos. Não havia o intuito de que eles fossem respondidos, afinal a intenção do grupo era movimentar o público a também produzir questionamentos, ou mesmo movimentar seus próprios pensamentos.



Figura. 03 Bolachinhas de madeira confeitadas a partir dos conceitos de discurso, enunciado e arquivo.

Estes conceitos nos sugeriram pensar que as verdades são construções coletivas e anônimas, não são absolutas, mas sim mutáveis, são amparadas por aquilo que brilha em determinada época e espaço, e ganham força a partir da enunciação coletiva. Sendo assim, buscamos, a partir dos questionamentos, pensar a verdade como algo provisório que pode ser desconstruído e produzido de outra maneira. Convidamos o público, desta maneira, a pensar sobre suas próprias noções de verdade. As questões produzidas neste sentido foram as seguintes:

Que verdades habitam a sua fala? Qual o prazo de validade da sua verdade? Quantos já ditos atravessam o que digo? A sua verdade de hoje é a mesma de ontem? Repetir ou interrogar o discurso? Em qual enquadramento você vê o mundo? O que há por trás? Não há nada! Tempo – espaço – poder – regimes de verdade.

Entre as imagens postas em diálogo com os questionamentos produzidos a partir dos conceitos, estavam algumas fotografias de casas abandonadas realizadas em 2010.



Figura. 04 Fotografias de casas abandonadas, 2010.

Pensamos as casas destas imagens em diálogo com o conceito de arquivo, que atualiza o enunciado a partir das condições do presente. Os enunciados pertencem a mundos que se criam e se desmancham em função de um determinado lugar, de um tempo e de seus regimes de verdade. Mas nem sempre eles se diluem com este mundo que se desmanchou, e podem retornar à cena habitando um discurso diferente. As casas das imagens (figura 04) tinham como princípio proteger e abrigar, mas no momento em que foram fotografadas já não davam conta desta função primeira. Ao se libertarem deste papel e também de suas portas, janelas e teto, abriram-se para conexões com novos mundos e maneiras de serem habitadas. Ao abandonarmos uma verdade, damos espaço para que outras verdades nos habitem.



Figura. 05 Fotografia de sapato abandonado, por Vanise Garlet Barbieri, 2011.

Neste mesmo sentido, o que a imagem da figura 05 pode dizer de nossas verdades? Continuamos a usar um sapato que não nos serve mais? E os sapatos que se adaptaram tanto aos nossos pés e se tornaram tão confortáveis a ponto de não quisermos abandoná-los? A sua verdade lhe mantém confortável, ou não lhe serve mais? A sua verdade de hoje é a mesma de ontem?

O fragmento abaixo, pertencente ao poema “As lições de R.Q.” da obra “Livro sobre nada” de Manuel de Barros, nos faz pensar sobre os discursos que acabamos naturalizando a ponto de não percebermos que estamos a repeti-los, nos tornando assim incapazes de, como profere o próprio poeta, desformá-los e abrir espaço para outras possibilidades.

“[...] Deus deu a forma.
Os artistas desformam.
É preciso desformar o mundo: Tirar da natureza as naturalidades.
Fazer cavalo verde, por exemplo [...]”

Segundo Guattari e Rolnik (2010) o discurso carrega tanto a possibilidade de se fortalecer a partir de sua repetição, o que naturaliza a sua presença, quanto a de se tornar outro, a partir da sua problematização e singularização. Singularizar um discurso tem a ver com a reapropriação dos elementos da subjetividade em função da criação de uma brecha para pensar outras possibilidades a partir dele. Nesta mesma linha de pensamento a imagem da obra de Kumi Yamashita (figura 06), na customização das bolachinhas, foi aliada ao questionamento: repetir ou interrogar o discurso?



Figura. 06 Obra de Kumi Yamashita, 2003. Fonte: <<http://kumiyamashita.com>>

Estas reflexões e questionamentos, produzidos pelo diálogo entre as imagens e os conceitos, foram tomando corpo no decorrer do processo vivenciado tanto na disciplina de Prática de Pesquisa A, quanto em momentos posteriores a ela, em encontros tidos pelo grupo para a construção de um material gráfico e também nas reflexões para as pesquisas que desenvolvemos em educação. Não se sabe ao certo qual vem primeiro e inspira a buscar pelo outro, ora é a imagem, ora é o conceito, mas a partir da aproximação de ambos há o intento de deixar abertas outras possibilidades para quem a experimenta.

O que foi produzido a partir da intervenção degust[ação]



Figura. 07 Fotografia da Intervenção artística degust[ação] no momento de sua realização no Royal Plaza Shopping, Santa Maria - RS.

A partir da intervenção artística degust[ação], vários questionamentos foram deixados pelo público em troca de nossas bolachinhas confeitadas com conceitos (em forma de questionamentos) e imagens. Em alguns deles, também houve inquietações a respeito da verdade: a verdade existe? Você acha que é verdadeiro? Qual é a verdade?

Se entendemos as verdades como invenções que se dão a partir de uma construção coletiva, podemos percebê-las então como relativas. Construimos nossas verdades ao nos relacionarmos a um determinado grupo, a um determinado contexto. Há verdades e não uma única verdade, essencial, indestrutível. Uma verdade pode funcionar como tal num determinado sistema de relações e não funcionar em outro. Assim, entendemos as verdades como provisórias, mutáveis, produto de determinado agenciamento produzido em determinado momento e contexto. Não pensamos em obter respostas verdadeiras para nossos questionamentos, e me parece que o público também não teve esta pretensão. Não havia intento de buscar uma opinião, mas sim de fazer com que algo inquietasse, gerasse um desconforto, e que fizesse pensar, não em respostas, mas sim, que instigasse o outro a se apropriar deste questionamento para pensar as próprias vivências.



Figura. 08 Um dos questionamentos deixados pelo público.

Questões que dizem respeito às crenças religiosas, ou que manifestam certa relação com estas, também foram mencionadas pelo público: você acredita em Deus? Pra onde vamos? Acreditam em demônios? Religião você tem? O que Deus nunca viu? Qual a nossa missão na terra? De onde surgimos? Você sabe para onde vai depois que morrer? De onde viemos? Existe vida após a morte?

Se pensarmos o discurso, a partir de Foucault (1997) enquanto algo que fabrica os objetos dos quais fala, podemos pensar as crenças como objetos fabricados pelo discurso, e este, como não poderia deixar de ser, constituído de diferentes enunciados. Nestas perguntas deixadas pelo público, percebemos várias questões referentes a enunciados de discursos religiosos. Poderíamos dizer que muitas destas perguntas movem ou fazem com que as religiões, discursos religiosos, existam.

Cada um destes questionamentos, ao se agenciar aos enunciados que as diferentes crenças fazem funcionar, gera diferentes reflexões, e vai ao encontro de diferentes verdades, e ao passo que os enunciados destes discursos vão se agenciando com outras verdades, o discurso vai se reinventando.

Podemos, neste caso, pensar na noção de arquivo que já havíamos mencionado anteriormente:

entre a tradição e o esquecimento, ele faz aparecerem as regras de uma prática que permite aos enunciados subsistirem e, ao mesmo tempo, se modificarem regularmente. *É o sistema geral da formação e da transformação dos enunciados* (FOUCAULT, 1997, p.150, grifos do autor).

Ao passo que algumas religiões lentamente se reinventam para que seus adeptos não as abandonem, outras religiões e movimentos ateus buscam espaços e fendas para a sua legitimação. É o modo de atualidade do discurso que o determina, agenciando-o com o presente, modificando-o e permitindo-o cintilar, ou os fazendo ser esquecidos.



Figura. 09 Imagens de *outdoors* colocados nas ruas de cidades americanas (Nova Jersey e Nova York) em época natalina. O primeiro traz a seguinte mensagem: "Você sabe que é um Mito. Neste tempo, celebre a razão". Metros depois a reação à frase anterior: "Você Sabe que é Real. Neste tempo, celebre Jesus". Fonte: <www.jornale.com.br/portal/mundo/81/9976.html>

Poderíamos pensar as imagens como produtoras de discursos? Segundo Duncum,

as imagens sempre desempenham um papel no âmbito de lutas pelo significado, seja legitimando noções existentes e as estruturas de poder que apóiam, seja contestando tais noções ou incorporando ambivalência e contradição (DUNCUM, 2011, p. 21).

Tal como ocorre com o discurso, as imagens tem condições de emergência que as fazem visíveis ou invisíveis, e não se trata da censura de um poder vertical, mas sim das relações de poder que acontecem horizontalmente, na superfície, nas micropolíticas cotidianas.

Rizomáticas, as imagens sugerem *links* com nossos repertórios individuais, e com os discursos através dos quais enunciamos nosso posicionamento no espaço-tempo em que vivemos. Através das imagens e dos discursos que viabilizam tanto modos de enquadramento como brechas para singularização, significados são criados, diluídos e reconstruídos constantemente através dos agenciamentos que produzem com o presente.

As inquietações produzidas a partir da participação do público na intervenção degust[ação] fizeram com que continuássemos, mesmo após a sua realização, a pensar sobre nossos conceitos. No segundo semestre de 2011, passamos a nos encontrar para produzir um material gráfico sobre a intervenção, colocando em diálogo nossas compreensões dos conceitos que escolhemos, as imagens (que utilizamos para customizar as bolachinhas, da própria intervenção e outras que selecionamos após a intervenção) e os questionamentos deixados pelo público no dia da intervenção.

Aberturas para pensar a educação da Cultura Visual

As diversas tecnologias com as quais convivemos e nos relacionamos cotidianamente favorecem a produção e a disseminação de imagens. Este cenário rizomático, no qual deixamos de ser apenas espectadores e passamos também a produzir e colocar imagens em circulação, nos propõe outra maneira de pensar a arte em relação à educação, nos convida a um redimensionamento que permite pensar as experiências culturais de olhar e seus efeitos sobre nós: a cultura visual.

A cultura visual, a partir da escrita do pesquisador espanhol Fernando Hernández, aparece como um campo transdisciplinar ou adisciplinar, que entende as representações visuais como “portadoras e mediadoras de significados e posições discursivas que contribuem para pensar o mundo e para pensarmos a nós mesmos como sujeitos” (HERNÁNDEZ, 2011, p. 33). Neste sentido, podemos empregar as imagens como um dispositivo para pensar nossas relações com o contexto onde vivemos, com os espaços que ocupamos, e pensar como nos constituímos a partir das visualidades que circulam e que fazemos circular nos espaços que habitamos, e nos significados que produzimos a partir delas.

Segundo Nascimento,

As imagens são modalidades de pensamentos que se materializam como prática social. Os processos de produção, divulgação e recepção de imagens, tal como ocorre com o discurso, também têm uma regularidade, processam-se numa certa disposição, com determinadas regras de formação, no contexto das relações de poder específicas e historicamente constituídas (NASCIMENTO, 2011, p. 216).

Sendo assim, imagens portam a possibilidade de funcionar tanto como estratégia de dominação quanto como resistência e ruptura. Podem legitimar noções existentes ou provocar rachaduras, pelas quais podemos escapar e produzir outros sentidos.

Enquanto uma prática social, a imagem pode funcionar de diferentes maneiras junto a um texto, não só como ilustração, como comumente vem sendo empregada, para reforçar um conteúdo, mas também como ela própria sendo um conteúdo. Desta maneira a imagem também porta a possibilidade de entrar em diálogo com o texto, deixando uma abertura para que outras coisas sejam produzidas. Outras coisas que não são nem o texto nem a imagem, nem a junção dos dois que produz uma terceira, mas sim, uma aproximação de texto e imagem que apresentam um intervalo, no qual o próprio leitor se instala para construir pontes de ligação, colocando suas próprias experiências em diálogo com o conteúdo de ambos, ampliando as percepções sobre eles e criando suas próprias relações e significados.

Buscamos, a partir das imagens utilizadas nas customizações das bolachinhas e posteriormente na produção do material gráfico, não uma ilustração dos questionamentos, mas sim, diálogos entre elas e os conceitos estudados por nós. Deixamos então brechas para que o próprio público criasse pontes entre estas imagens e suas próprias vivências, produzindo a partir desta experimentação seus próprios significados e questionamentos.

Conclusões que abrem espaço para outras possibilidades

As movimentações produzidas no decorrer da disciplina de Prática de Pesquisa A, e posteriormente na construção do material gráfico, abriram possibilidades para pensarmos nossas pesquisas em Educação. Ao passo que nos aproximamos dos conceitos de enunciado, discurso e arquivo, algumas relações entre estes e a cultura visual foram se estabelecendo. Os regimes de verdade de cada época também são determinantes das condições de emergência de determinadas formas de ver, analisar e dar visibilidade a uma imagem. Nossas pesquisas em educação estão embebidas em um tempo e espaço, isso quer dizer que ela funciona sob determinadas verdades que criamos neste espaço tempo em que nos situamos, junto a autores, imagens e discursos que elegemos para utilizar como ferramentas para desenvolvê-las. O que não quer dizer que ela é a única verdade possível sobre a educação, ou a melhor, mas sim que ela é uma possibilidade dentre tantas, que esta aí para ser desenleada e tramada do jeito que desejar quem a experimentar.

Como a intervenção artística degust[ação] reverbera em nossas pesquisas de mestrado e doutorado? Creio que seja na utilização de diferentes ferramentas e disparadores para pensar a educação. Não só o que já foi dito escancaradamente sobre educação, mas sim o que pode ser inaugurado no encontro de tantas outras coisas que existem concomitantemente a educação e que podem dispará-la para tantas outras direções. Nossas pesquisas são disparadas por imagens, poesias, filmes e vivências particulares que não dizem diretamente da educação, mas que a fazem vibrar em nossas pesquisas. Reverbera, no sentido de não propormos nossas pesquisas como verdades prontas, mas como algo cheio de aberturas as quais o leitor pode habitar e fazer variar.

Assim como nossas bolachinhas na intervenção se atualizaram no encontro com outras pessoas e pensamentos, pensamos nossas pesquisas em educação enquanto algo que pode ser agenciado ao tempo espaço de quem a experienciar. Como algo que não se fecha na defesa de uma verdade, mas que se abre a outras possibilidades de ser vivida.

Referências

BARROS, M. As lições de R. Q. **Livro Sobre Nada**. Disponível em: <www.passeiweb.com/na_ponta_lingua/banco_de_questoes/portugues/livro_sobre_nada>. Acesso em: 06/08/12.

DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE G.; GUATTARI F. **Mil platôs** - capitalismo e esquizofrenia. Vol. 2, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DUNCUM, P. Por que a arte-educação precisa mudar e o que podemos fazer. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Orgs.). **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011, p. 15-30.

FERNANDES C. A.; SANTOS J. B. C. 2008. A imagem como enunciado operador de memória. In: ROMÃO, L. M. S.; GASPARD N. R. (Orgs.). **Discurso midiático: sentidos de memória e arquivo**. Pedro e João editores, p. 279-286. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/lep/arquivos/membros_textos/joao_bosco/imagem_como_enunciado.pdf. Acesso em: 16/06/11

FISCHER, R. M. B. El ejercicio de ver: medios y educación. In: DUSSEL, I.; GUTIERREZ, D. (Orgs.). **Educación la mirada: políticas y pedagogías de la imagen**. 1. Ed. Buenos Aires: Manantial: Flacso, OSDE, 2006, p. 165-177.

_____. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de pesquisa**. n. 114, novembro, 2001, p. 197-223. Disponível em: www.scielo.br/pdf/cp/n114/a09n114.pdf. Acesso em: 02/05/11.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. 1994. Verdade Poder e Si. Verité, pouvoir et soi (entretien avec R. Martain, Université du Vermont, 25 de octobre 1982). Trad. a partir de FOUCAULT, M. **Dits et écrits**. Paris: Gallimard, vol. IV, p. 777-783, por Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: <http://filoesco.unb.br/foucault/verdade.pdf>. Acesso em: 14/07/11.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

HERNÁNDEZ, F. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Orgs.). **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011, p. 31-49.

Intervenção artística degust[ação]. Registro em vídeo. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=ou9zFnVMpRs. Acesso em: 20/02/13

LARROSA, J. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, T. T. **O sujeito da educação.** Petrópolis: Vozes, 1994, p. 35-86.

NASCIMENTO, E. A. Singularidades da educação da cultura visual nos deslocamentos das imagens e das interpretações. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Orgs.). **Educação da cultura visual: conceitos e contextos.** Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011, p. 209-226.

SILVA, T. T. **Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

Recebido em: 07/02/2014

Aprovado em: 01/03/2014